

Tal como nos libertámos da opressão

TEMOS DE LIBERTAR OS NOSSOS PAÍSES DO ATRASO ECONÓMICO  
EM QUE SE ENCONTRAM

-Discurso do Presidente Samora Machel na abertura da Cimeira

Ao abrir a reunião dos Chefes de Estado de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, o Presidente Samora Machel proferiu o seguinte discurso:

A República Popular de Moçambique, seu Povo, Partido e Governo, sentem-se honrados com a presença amiga dos representantes máximos dos Povos, Partidos e Governos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Sejam bem-vindos a esta terra libertada, sejam bem-vindos a esta trincheira da luta anti-imperialista no nosso continente.

Esta segunda cimeira dos nossos Estados realiza-se sem a presença física daquela que foi o seu grande impulsionador e dirigente querido dos nossos povos na luta e vitória comum contra o colonialismo português.

A memória do Presidente Agostinho Neto, filho querido da África e nosso companheiro de armas, rendemos sentida homenagem.

Neste ponto, o Presidente Samora Machel pediu um minuto de silêncio em homenagem a Agostinho Neto, depois de observado o qual prosseguiu:

Senhores Presidentes

Para além de vos expressar o calor sempre renovado da nossa amizade e a alegria de vos receber nesta capital, seja-me permitido situar este encontro, no quadro das relações entre os nossos Povos e Estados.

Esta reunião é sequência da Cimeira que realizámos em Luanda, em Junho de 1979. Foi ao tentar aprofundar a natureza das nossas relações que decidimos de novo unir as nossas forças na batalha pela emancipação económica dos nossos povos.

Fomos dominados e explorados pela mesma potência colonial. Para o conjunto dos nossos povos viveram o mesmo resto e assumiram os mesmos pormenores, a humilhação, a brutalização quotidiana, a tortura, o massacre.

As relações forjadas entre nós desde os duros anos da resistência à ocupação colonial e luta armada de libertação nacional, foram por isso, exigência do próprio processo emancipador. Contra o Inimigo comum, o combate era comum, e a coordenação, por mínima que fosse, foi condição essencial e fundamental para o triunfo.

Conjuntamente planeámos a estratégia da nossa libertação e coordenámos as acções tácticas nos diversos campos. Desta unidade saiu fortalecida a decisão dos nossos povos de se libertarem.

Deste passado de luta comum temos que tirar experiência.

Tal como coordenada e planeadamente libertámos da opressão a terra e os homens, temos agora que, também coordenada e planeadamente, libertar os nossos países do atraso económico em que se encontram.

Hoje, conquistada a independência, somos confrontados com a mesma necessidade de reconstruir os nossos países devastados pela exploração colonial. Encontramos nos nossos países problemas idênticos que resultam da mesma herança de miséria, doença, nudez, fome, ignorância e obscurantismo.

Temos que saber colocar as nossas riquezas ao serviço dos nossos povos. Temos de transformar os nossos recursos naturais em instrumentos de luta pela emancipação económica.

Para melhor servir os nossos povos devemos concretizar na prática do desenvolvimento económico a unidade que conseguimos alcançar a outros níveis, nomeadamente nas exemplares relações políticas que estabelecemos entre os nossos Partidos e Estados.

Unindo-nos, suprimindo as nossas falhas neste e naquele domínio, cooperando com os nossos conhecimentos técnicos e científicos, com as nossas experiências organizativas, com a nossa prática de cinco anos de independência, estamos certos de que alcançaremos também a vitória sobre o subdesenvolvimento.

Todavia esta unidade não pode nem deve ignorar as especificidades dos nossos países, fruto das grandes opções decididas pelos nossos respectivos Partidos e Governos.

Não pude ignorar também as distâncias que nos separam no espaço. Mas, tal como no passado essa distância não foi obstáculo para a nossa unidade na luta anticolonial também ela não deve no presente impedir-nos de caminhar juntos, na luta

contra o subdesenvolvimento.

Senhores Presidentes,

Em Luanda, na primeira Cimeira, e nas reuniões ministeriais subsequentes, foram inventariados os problemas, foram estabelecidos e elaborados os temas a debater. Foram delineadas as linhas de acção conjunta e demarcadas as áreas de responsabilidade.

Considerou-se extensamente a necessidade de desenvolver as trocas comerciais entre os nossos países.

No entanto, para que essas trocas comerciais se possam concretizar, devemos concertar esforços para rompermos o bloqueio no campo dos transportes.

A grande via do mar, que no passado serviu a exploração, deve ser a via da libertação económica.

Temos de criar as nossas próprias estruturas de transporte marítimo e aéreo para tornar viável o exercício do comércio, quer entre os nossos países, quer com outros.

Achou-se também necessário estabelecer uma política no campo dos seguros e financiamento das operações comerciais.

Para accionar correctamente todos os mecanismos de cooperação necessitamos de formar os nossos próprios quadros.

Esta formação é, também em si, uma grande área de cooperação que se nos abre e que é extremamente facilitada pelo facto de falarmos uma língua comum.

Com efeito, a forma animadora como têm decorrido as nossas iniciativas multilaterais, nos campos da Saúde, Informação e Justiça, deve-se em grande parte à correcta utilização da língua portuguesa como instrumento de luta para a construção da nossa unidade. Por maioria de razões, a vantagem oferecida pela língua comum deveria ser sistematicamente explorada no desenvolvimento das nossas relações culturais.

Este sentimento levou a que se fizesse insistente referência à necessidade de um maior intercâmbio e cooperação no domínio artístico e educativo.

Estas relações de que somos promotores deverão, todavia, estar abertas aos outros países africanos que, em determinadas áreas, se queiram juntar a nós na luta pela emancipação económica. Ao conseguir que um número cada vez maior de países concerte connosco as suas posições nas relações económicas internacionais, garantimos e reforçamos as nossas independências e reforçamos a frente de luta anti-imperialista.

Senhores Presidentes,

Compe-nos, agora, durante a presente Cimeira, decidir sobre as prioridades e as acções concretas a realizar, para avançarmos na via da solução correcta dos problemas que acabamos de enumerar.

Esperamos que os resultados e conclusões que as nossas conversações atingirem respondam aos objectivos que nos propusemos. Quais! — servir melhor os nossos povos.

A LUTA CONTINUA!

A VITÓRIA É CERTA!

(De: "Notícias", Maputo, 1980-03-30)